

09-06-2022

## A VIOLÊNCIA NOSSA DE CADA DIA!

**Marcia Cristina Hizim Pelá**

[Presidenta da Associação Cultura Cidade e Arte.  
Membro do Dona Alzira. Doutora em Geografia Unifan]

Há tempos tenho feito um exercício de me distanciar dos noticiários, principalmente os da mídia oficial, por causa das linhas editoriais que, além de não serem imparciais, têm como predominância a cobertura jornalística de fatos que trazem a violência nossa de cada dia à tona. Não estou falando só dos casos de violências físicas como estupros, assaltos, assassinatos de crianças, mulheres e jovens negros favelados que são noticiados, pelo menos três vezes ao dia, nos telejornais locais e nacionais. Estou falando também de outros tipos de violências, como as psicológicas, que, ao trazerem uma visão editada e unilateral da realidade, são utilizadas para afirmar uma agenda cultural hegemônica e elitista. Um exemplo claro deste tipo de notícias que violentam a nossa subjetividade é a cobertura jornalística dada, principalmente pelas grandes emissoras, às manifestações populares organizadas contra a necropolítica e em prol das garantias de direitos trabalhistas; melhores salários; condições de trabalho; direito à moradia; dentre outras reivindicações importantes que visam garantir, ao menos um pingão de equidade e de justiça social, para a classe trabalhadora e para as minorias sociais. *Vandalismo, anarquia, balbúrdia, prejuízos aos cofres públicos*, dentre outras expressões depreciativas e capciosas, são algumas das palavras que compõem as manchetes dos telejornais e jornais, impressos e on-line, que invadem os nossos olhos e ouvidos cotidianamente. A conjunção destas notícias violentas e sobre violência com a realidade atual de degradação do processo político e de convivência social; do aumento da mesquinha; da fome e da miséria humana podem ser devastadoras aos nossos sentidos e a nossas mentes. Podem causar sensações de medo, desesperança, depressão, ódio e, principalmente, falta de vontade e de perspectiva de outras formas de ações e relações humanas que consigam ressignificar e superar a violência nossa de cada dia. Isto para mim é mais uma das estratégias de minar a subjetividade, a força para a luta e a esperança dos que são oprimidos por esse sistema doentio e injusto. Não só isso. É também um ato perverso de alienação que cria, por meio de mensagens subliminares, a falaciosa ideia de que a luta do oprimido contra o opressor é um ato criminoso. Não à toa assistimos nos últimos tempos um crescente ataque da opinião pública ao que se relaciona aos direitos humanos e a tudo que é ligado aos direitos trabalhistas.

Afinal, o Estado mínimo é para garantir o máximo de poder socioeconômico e cultural para os detentores e agentes do capital. Creio que há inúmeros motivos para essas escolhas narrativas, mas vou me ater apenas a uma que é a de ordem econômica e que está diretamente ligada ao controle sobre a sociedade.

Basta olhar as paisagens tanto das cidades como as do campo para compreender o que estou falando. Entre um piscar e outro dos olhos é possível visualizar casas e fazendas cercadas, condomínios fortificados, carros blindados, câmeras de televisão, rastreamentos por GPS, escoltas particulares, entre tantos outros elementos, que geram os lucros exponenciais da indústria do medo. É isso mesmo: as notícias sobre a violência, ao não abordarem os fatores originários da violência, como a desigualdade social e a concentração da riqueza humana na mão de poucos, é um dos principais combustíveis para abastecer a indústria do medo. Indústria que, pelo modo de produção capitalista, se abastece da violência para gerar os seus exorbitantes lucros em cima do medo e da miséria humana. Afinal, a violência que gera o medo é algo fundamental para que o controle sobre a sociedade se torne algo natural. ....

Os dados da pesquisa que realizei sobre as mulheres na produção socioespacial de Goiânia exemplificam, concretamente, essa assertiva, ao mostrar que 78,5% das goianienses não se sentem seguras na cidade. Entre as justificativas das mulheres que responderam, uma das entrevistadas descreve: *“uma mulher aqui precisa estar atenta o tempo todo. Com medo para caminhar na rua e andar no transporte público. Até dentro do trabalho, o assédio é constante”*. O cenário de insegurança e assédio enfrentado pelas mulheres goianienses nos permite ver como o medo gerado pela violência faz parte do cotidiano de suas vidas e, com isso, limitam os seus direitos básicos de ir e vir!

Fica evidente o desconforto e o sentimento de vulnerabilidade que elas experimentam ao caminhar pela cidade.

Contudo, mesmo tendo consciência de todo esse cenário, o que mais me intriga é saber o porquê dessas notícias violentas e sobre violência terem tamanha repercussão e alcance social.

Será que a violência é algo inerente ao ser humano?

Ou será que a violência é algo produzido por nossa humanidade?

A filósofa Hanna Arendt (1994, p. 60) nos dá uma pista ao dizer que *“nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, isto é, uma manifestação do processo vital, eles pertencem ao âmbito político dos negócios humanos, cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem para agir, a habilidade para começar algo novo”*.

**E você, o que tem a dizer sobre estas indagações relacionadas à violência nossa de cada dia?**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.